

LEITURA PARA A COMUNICAÇÃO

Désirée Motta-Roth

Loeci Paim Procati

Eliane Cristina Amoretti

Nas duas últimas décadas, a pesquisa sobre leitura em língua estrangeira (e a sala de aula em alguns casos) tem privilegiado uma visão interativa do processo de leitura. Por modelo de leitura, entenda-se aqui o processo de produção de significado em relação ao texto escrito, que depende de, ou utiliza, as várias ordens do saber do leitor e do escritor - conhecimento prévio de mundo, conhecimento semântico, sintático, lexical, textual, discursivo. Abandona-se assim a visão de leitura em língua estrangeira como processo que obedece a uma seqüência pré-estabelecida de reconhecimento dos sinais gráficos (letras), das palavras, das sentenças, do encadeamento de sentenças e assim por diante até a compreensão do todo. Tal concepção de leitura pressupõe um texto que tem existência independentemente do leitor, e que por essa autonomia detém apenas uma possibilidade de significação e cabe ao leitor perceber o significado "correto" do texto.

No modelo interativo de leitura, o texto é visto como elemento mediador da interação entre escritor e leitor. O texto é visto, ao mesmo tempo, como processo e como produto da produção de significados e de relações sociais (HALLIDAY e HASAN, 1989). A linguagem é tratada como um sistema de representação de sentidos, das relações sociais que se estabelecem entre participantes (leitor e escritor) de um dado contexto ou situação (na escola, na universidade, em casa, no escritório). Tal interação se dá através do uso da linguagem, num processo comunicativo em que se negocia o significado do texto e os discursos ou visões de mundo que subjazem a ele (MOITA LOPES, 1996:138). O texto então passa a ser visto como linguagem materializada em uma unidade de significado, utilizada em um contexto, com um dado objetivo, refletindo uma determinada perspectiva de mundo.

Assim, todo texto é produzido de modo a representar uma declaração de pontos de vista sobre o mundo, uma veiculação de teorias de como o mundo funciona. Nesses termos, parece impossível desconectar linguagem e existência, uma vez que a primeira media, veicula e legitima a outra. Da mesma forma, nos vemos frente ao ato de ler como um processo ativo e crítico que deve ser, cada vez mais, trabalhado em sala de aula de forma a definir a função comunicativa do texto escrito e definir o papel basilar que o aluno desempenha no processo de representar-se a si mesmo e ao mundo na leitura.



Para ALMEIDA FILHO(1993), o ensino comunicativo de linguagem é aquele que organiza as experiências de aprender em termos de atividades relevantes, de real interesse ou necessidade do aluno para que ele aprimore o uso da língua-alvo na interação com seu meio. Ser comunicativo na sala de aula, nesse sentido, significa propiciar ao aluno experiências de aprendizado com conteúdos relevantes através da prática e uso da língua-alvo; explorar o papel de apoio da língua materna; representar temas e conflitos do universo do aluno; avaliar em que medida cada aluno pode engajar-se em atividades comunicativas, tentando levar em conta as diferenças individuais, tais como estilos de aprendizagem, motivação, ansiedade, inibição, empatia e auto-confiança.

Nessa perspectiva, uma abordagem comunicativa no ensino de leitura em língua estrangeira deve focar a função que a linguagem desempenha em um dado contexto, chamando a atenção para o papel que o texto desempenha em uma dada situação comunicativa e como essa situação está situada no tempo e no espaço, e de que maneira tudo isso se relaciona com os objetivos daqueles que escrevem e com os discursos que os rodeiam. Uma vez considerados esses aspectos em associação com o sistema léxico-gramatical da língua, extrapola-se a visão tradicional de ensino da linguagem que enfatiza a análise apenas das escolhas gramaticais feitas pelo autor do texto a partir de um sistema ideal da língua para um leitor ideal. Em um ensino descontextualizado da língua, cabe ao professor usar o texto como pretexto para ensinar apenas a gramática. *Essa foi e, em muitos casos, ainda é a concepção do papel do professor e do texto na sala de aula de língua estrangeira.*

Ao conceber o ensino de línguas para a comunicação, WIDDOWSON (1991) reconhece, na linguagem, seu caráter textual e não mais apenas gramatical. Em outras palavras, a 'leitura' da linguagem como texto é um processo que combina informações textuais, léxico-gramaticais, fonológicas, com informações pessoais trazidas pelo leitor para o ato de ler, estabelecendo-se aí um diálogo entre leitor e texto. No ensino comunicativo, a língua passa a ser ensinada e aprendida como um encadeamento de sentidos e formas relevantes para um dado contexto em que pessoas usam a linguagem para se comunicar.

Diferentemente de uma abordagem gramatical ao ensino de línguas com ênfase na concepção de correção gramatical, em uma abordagem comunicativa, a ênfase passa a estar nas funções desempenhadas pela linguagem em uma dada situação comunicativa e no querer dizer do usuário da língua, seja através da observação de suas categorias gramaticais tais como verbos, advérbios, sentenças subordinadas e coordenadas; seja nas articulações das partes do texto; ou ainda no papel do texto para o contexto. Buscamos, portanto, um ensino que faça mais sentido para o querer dizer do

aprendiz, para as regras de uso da linguagem para a comunicação, mais do que a simples reprodução de regras gramaticais.

Na sala de aula, a (re)produção de contextos comunicativos verossímeis para a comunicação oral nem sempre é possível; entretanto, a leitura de textos, escritos e lidos em situações reais, é algo que está a nosso alcance. Usamos textos tendo em mente diferentes objetivos: para nos comunicarmos uns com os outros através de cartas pessoais e cartões postais; para disseminarmos informações através de textos em jornais e revistas; objetivando instruir alguém sobre como fazer algo através de manuais de instruções e bulas de remédios. Todas essas funções realizam-se através do uso consciente do léxico e da gramática, em conjunto com outros elementos pragmáticos (como o registro de linguagem mais informal para nos aproximarmos do interlocutor ou leitor de nosso texto), textuais (como os sinalizadores das relações lógicas - por que/porque/em princípio/em conclusão - ou relações temporais - em primeiro/segundo lugar, antes/depois) e discursivos (assuntos-tabu, discurso racista, feminista, autoritário). Por entendermos que qualquer ensino de línguas deva considerar essa riqueza de informações, discutimos o ensino de leitura em língua estrangeira a partir de uma visão interativa do processo de leitura que se apoie nas várias ordens do saber do aluno: sua visão de mundo, suas experiências, seu conhecimento das línguas materna e estrangeira (vocabulário, morfossintaxe, fonologia, retórica, etc.) (MOTTA-ROTH, 1998).

A partir desse recorte teórico, o Grupo de Estudo e Pesquisa (GEP) em Leitura e Análise do Discurso busca:

- a. Encorajar professores de línguas e alunos de Letras a realizar futuras leituras, produzir material didático original, refletir criticamente sobre a prática em sala de aula;
- b. Ensejar uma discussão sobre o papel do ensino de língua estrangeira na escola;
- c. Iniciar um diálogo entre universidade e escola.

Com esses objetivos, busca-se contribuir para a efetivação do processo de reflexão crítica do professor quanto a sua prática, levando-o à pesquisa de sua própria ação e da dinâmica que se estabelece entre alunos e professores na sala de aula de língua estrangeira.

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. 1993. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes.

HALLIDAY, M. A. K., & R. Hasan. 1989. **Language, context, and text: Aspects of**

language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press.

MOITA LOPES, L. P. da. 1996. **Oficina de lingüística aplicada: A natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas.** Campinas: Mercado de Letras.

MOTTA-ROTH, D. (ed.) 1998. ***Leitura em língua estrangeira na escola: Teoria e prática.*** Santa Maria, RS: PEIES-COPERVES-UFSM.

WIDDOWSON, H. G. 1991. **O ensino de línguas para a comunicação.** Trad. José Carlos Paes de Almeida Filho. Campinas: Pontes.

[\[índice \]](#)

[resumo]